

VELHICE E COMUNIDADE MESSIÂNICA

Sydney Farias da Silva

Os Fatos

Diversos fatores colocaram o tema da velhice na agenda dos debates atuais. Entre eles está a projeção estatística que aponta para um número crescente de velhos no Brasil, contrapondo-se ao destaque dado há menos de cinquenta anos, quando os estudiosos da configuração populacional brasileira se surpreendiam com o número de jovens, que, na década de sessenta era mais ou menos a metade da população.

Por outro lado, a economia de mercado, que via na juventude a principal fatia de consumidores, tanto radicalizou o processo de produção e consumo que excluiu de sua população alvo as crianças menores e os velhos, aqueles que sob seu juízo não eram produtivos e pouco consumidores. Todavia, a crise econômica das sociedades emergentes, tem se agravado muito e acabou mudando esse quadro. A mídia se voltou para o infante e para o idoso, percebendo neles possibilidades até então desprezadas. Algumas cidades pequenas tentam atrair pessoas idosas aposentadas para residirem em sua comunidade, na certeza de um afluxo, pequeno, mas certo de consumo. Especialmente cidades litorâneas oferecem “paraísos” para que os aposentados desfrutem de toda a infra-estrutura local nos meses que elas estão sem os veranistas mais jovens. Isso está ligado também ao fato de que com o agravamento do desemprego e da pobreza muitos casais jovens, com os filhos ainda pequenos, procuram abrigo na casa dos pais, construindo no fundo do terreno moradias improvisadas. E assim, em pouco tempo, muitas situações se inverteram. Em vez de os filhos oferecerem abrigo e proteção aos pais, estão sendo socorridos por eles, agravando ainda mais problemas que rondam os velhos, como assistência médica e recursos para os medicamentos.

A importância desse debate fica mais evidenciada em virtude das possibilidades que a ciência colocou ao dispor dessa, agora, considerável parcela da população, seja por meio dos remédios novos, de novas práticas alimentares, seja por meio da estimulação de práticas saudáveis de cuidado com o corpo e seu processo de envelhecimento. A pergunta que fica nesse momento é sobre em que medida essa preocupação com os velhos se relaciona com princípios filosóficos e teológicos ou com novas demandas de consumo

Muitos estudiosos da antropologia comparam a situação dos velhos nos povos de cultura ocidental com o tratamento que eles recebem nas localidades que ainda conservam a cultura oriental, onde a velhice é valorizada como sendo um ideal buscado por todos. Essa comparação é um pouco idílica, pois também no oriente muita coisa tem mudado, em função do mercado globalizado e da imposição cultural das grandes

potências mundiais. Todavia esta comparação indica que a diferença fundamental entre envelhecer em uma ou outra cultura é grande. No ocidente, o envelhecer se caracteriza pelo temor de conviver com todas aquelas circunstâncias que jogam os velhos para bem perto de problemas como dificuldades financeiras, carências afetivas, doenças degenerativas, impossibilidade de locomoção nas grandes cidades e exposição à violência dos criminosos que os vêem como alvo fácil de sua investida. O individualismo cada vez maior no ocidente acelera o descaso pelos outros seres humanos, às vezes, até de seus progenitores. O direito de ser feliz precisaria ser convertido no direito de sermos felizes. Um plural que não se restringe à pessoa humana, mas também deve atingir o universo todo.

Recentemente, o Estatuto do Idoso incluiu nessa reflexão a questão da cidadania dos idosos, evidenciando direitos que sempre lhes foram devidos, mas quase sempre negados pelos poderes públicos que, se escondendo na justificativa de dificuldades financeiras, se fazem omissos em suas responsabilidades nessa área. O Estatuto representa um avanço, mas por outro lado é o reconhecimento tácito de que alguma coisa está errada com uma sociedade que não consegue entender a vida humana em sua perspectiva integral, segmentando e discriminando grupos, ao sabor de interesses imediatos.

Esse debate requer parâmetros biológicos, filosóficos e teológicos entre outros. A seguir vou ater-me a um enfoque teológico que diz respeito à comunidade messiânica e os velhos. Deliberadamente estou evitando termos como “terceira idade”, “melhor idade” e outros, porque me parece fruto de uma tentativa infrutífera de contornar o desafio que o processo de envelhecimento humano traz à nossa reflexão. A velhice é algo natural e seu conceito tem o mesmo peso que o de maturidade, da infância ou da mocidade. É uma fase da vida marcada por alegrias e tristezas, assim como acontece com todas as etapas da vida humana.

O Novo Testamento

Dentro da comunidade cristã, o Novo Testamento, ou Segundo Testamento, como querem os biblistas, oferece uma possibilidade muito fértil de fermentação do debate sobre a velhice, justamente porque ele propõe uma nova sociedade, sob o reinado de Deus, onde as contingências desumanas encontram a sua libertação. No dizer de Isaías, Deus “cria novos céus e nova terra e não haverá lembrança das cousas passadas, jamais haverá memória delas” (Is 65,17) e “Não haverá mais nela criança para viver poucos dias, nem velho que não cumpra os seus; porque morrer aos cem anos é morrer ainda jovem...” (Is 65,20). É a utopia do Reino de Deus em ação que se estende por todo o Novo Testamento.

O anúncio da boa-nova que faz “saltar de alegria” (Lc 2,10) contém a mensagem de que Deus refaz o mundo (Ez 36,35 e Is 51,3), criando novos céus e nova terra (Ap 21,5). O reinado dos homens é suplantado pelo reinado de Deus na vida humana, e Jesus, o nazareno, é o sinal histórico dessa intervenção (Mc 1,15), confirmado por suas

obras repletas de poder e de misericórdia (At 10,38). A ação libertadora de Deus, neste tempo da graça intervém na vida humana, atingindo todas as etapas de seu desenvolvimento e produzindo a vida abundante e eterna. Todos os sinais de morte que se evidenciam nas formas da pobreza (Lc 6,20), da doença (Lc 4,40), da violência (Mt 26,52) e da solidão (Jo 5,7) são convertidos, nessa nova realidade, em sinais de vida fraterna, saudável, compartilhada e solidária. Nos tempos messiânicos aquilo que se tem chamado de “qualidade de vida” é alcançado por todas as pessoas que acolhem o reinado divino, de modo que velhos e crianças podem viver a dignidade que essas etapas da vida são capazes de oferecer.

Faz muito sentido que os evangelistas indiquem as evidências desses tempos messiânicos, pontuando por um lado, a criança e, por outro, a velhice. As evidências de um novo tempo, na visão dos evangelistas, passam, por um lado pelo nascimento de duas crianças (João Batista e Jesus) (Lc 1,57 e Lc 2,6-7) e, por outro, pela velhice abençoada de um casal (Zacarias e Isabel) (Lc 1,18). O Reino de Deus rompe os limites da impossibilidade humana (Lc 1,37), transformando o lamento dos velhos em um cântico de exuberante alegria (Lc 1,67-80).

Lucas destaca também a esperança paciente de duas pessoas idosas que costumavam freqüentar o Templo de Jerusalém, Ana e Simeão (Lc 2,25-38). Durante anos elas estiveram voltadas para o passado, para a promessa do Deus de seus pais. Agora, elas estão ali de modo ativo e participante, na condição de figurantes e não de assistentes, da virada histórica que refaz a vida, transformando a tristeza em alegria. Eles não se ocupam do passado, mas do futuro. Simeão, contrariamente ao que se poderia esperar de um velho, rompe o medo da morte. Ele consegue ver o que acontece do outro lado da muralha do tempo. O que lhe permite descansar em paz não é o passado, onde repousa a certeza do dever cumprido, mas o futuro, onde a glória de seu povo e a salvação que lhe é trazida é “luz para os gentios”.

O livro de Atos dos Apóstolos interpreta o Pentecostes como a concretização dos tempos messiânicos (At 2,1). Para sermos mais precisos, ele faz uma releitura da esperança messiânica do Antigo Testamento, ajustando a força dinâmica da esperança profética a uma nova realidade, marcada pelos eventos da morte e ressurreição daquele a quem reconhece como Messias. Ele conta que quando Pedro e os apóstolos testemunharam a alegria de perceberem as evidências da novidade divina dentro das realidades humanas, diante dos peregrinos em Jerusalém (At 2,4), sinalizam um fato que requer essa interpretação. Quando as pessoas perguntam sobre qual é a novidade que anima os discípulos e discípulas do Jesus de Nazaré (At 2,12), Pedro responde que o que está acontecendo é a concretização dos tempos messiânicos. Ele traria mudanças profundas na realidade humana, em todas as fases da vida. Uma dessas realidades novas aconteceria com os velhos, que teriam sonhos, conforme a profecia do profeta Joel: “E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e *sonharão* vossos velhos” (At 2,17-21). E é o que estava acontecendo naquele dia es-

pecial. Esse sonho não é uma “viagem” para fora da realidade, mas uma inserção na dinâmica do recomeço.

O que isso quer dizer senão uma reconstrução da identidade da velhice? A experiência comum que temos é a de que o ponto de visão dos velhos é o da saudade de um passado cada vez mais esmaecido na memória. Em uma de suas canções, Tayguara, jovem compositor popular brasileiro, dos anos sessenta, dizia: “deixa o velho em paz, com suas histórias de um tempo bom. Tanto bem lhe faz lembrar memórias no mesmo tom”. Esse é o retrato que bem define a perspectiva dos velhos no tempo dos homens. Nos tempos messiânicos uma outra identidade os identifica, eles sonham o futuro. Assim a velhice não é mais vista como ante-sala do fim e da morte, mas o vestíbulo de um futuro, para o qual novos planos são feitos na direção de novos desafios. Os velhos não sobreviverão às custas de memórias de seu tempo bom, mas viverão na dinâmica da esperança. Eles são apresentados como sujeitos messiânicos. Os relatos do Pentecostes mostram uma recriação. Assim, no dizer de Armino Rizzi “a lógica mais profunda da esperança messiânica não é a esperança do fim, senão a esperança do começo”.¹

Quando Pedro citou esse trecho do Antigo Testamento, ele tinha a perspectiva de um evento que invadia a realidade humana. A vida nesse novo contexto rompia o horizonte do fim assustador da morte e a exclusão dos velhos no cenário da história. O melhor da vida não ficaria perdido no passado, mas recolocado no sonho do futuro. Isso subverte uma tradição que determina a morte como um descanso junto aos antepassados. Nesse caso a contribuição dos velhos à cultura era preservar aos jovens as memórias do seu tempo ou do tempo de seus pais. A renovação das fontes da vida (Jo 4,14) remete os velhos para um recomeço cheio de sonhos.

A comunidade messiânica cristã é um sinal do Reino de Deus no mundo, é histórica e real. Ainda não é o Reino, mas já é sinal dele. Ela tem que ajustar seu projeto a essa dimensão nova. Em Jerusalém, a comunidade primitiva se dá conta disso e percebe a contradição, quando em seu meio havia a exclusão das viúvas dos helenistas na distribuição diária do alimento (At 6,1). Na comunidade messiânica elas têm que ser incluídas e assistidas. O Reino de Deus é feito com as sementes da vida e não da morte que estão semeadas no mundo. “Esquecer”, os velhos é atitude típica de uma sociedade onde o pecado cegou o entendimento das pessoas a respeito da verdadeira natureza da vida humana. Providências foram tomadas naquela comunidade para garantir que as viúvas necessitadas do alimento diário participem da abundância de vida que caracteriza o Reino de Deus (At 6,3). Foram escolhidos seis homens para servirem aquelas pessoas a quem a comunidade devia amor e cuidado, da mesma forma que fazia com as outras faixas etárias e as viúvas provindas de um outro contexto cultural. A dinâmica do Reino de Deus é a inclusão.

1. RIZZI, Armino. *El mesianismo en la vida cotidiana*, p. 53.

Muitos biblistas têm chamado a atenção para o fato de que as comunidades cristãs primitivas deram um destaque especial aos que eram mais velhos em suas comunidades, os presbíteros (At 20,17). Pode ser que esse costume seja a continuidade da tradição judaica que tinha seus presbíteros como mostram os evangelistas (Lc 7,3). Todavia o fato em evidencia é que nas primeiras comunidades cristãs os idosos assumiram ministérios essenciais à vivência dos tempos da graça salvadora de Deus (1Tm 5,17 e Tg 1,5). O jovem líder Timóteo é lembrado de coisas fundamentais nessa relação com os velhos em sua comunidade. Ele não pode esquecer que é herdeiro de uma experiência de fé que vem da vida de sua mãe e de sua avó. No trato com os velhos, deve agir com respeito e consideração (1Tm 5,1), colocando a serviço da comunidade a palavra sábia daqueles que sob a dinâmica do Espírito Santo ministram sabedoria.

Tensões do dia-a-dia

Esse projeto de vida proposto pelo Messias Jesus, sinalizado historicamente por pessoas que estão nas comunidades cristãs e participantes de realidades bem conhecidas, convive com grandes tensões em nível pessoal e comunitário. Os idosos, conquanto, mediante a fé, antecipem o futuro de bênção que lhes cabe no Reino de Deus, trazem em seu corpo os “espinhos” (2Cor 12,7) de sua longevidade. E, à semelhança de seu mundo, eles gemem “aguardando a redenção de seus corpos” (Rm 8,23). Para muitos idosos os limites de seus corpos, suas mentes e seus contextos familiares representam uma cruz que carregam paciente e silenciosamente, particularmente aqueles a quem falta solidariedade afetiva e financeira. Solidão e pobreza, sinais de um velho mundo, são uma sobrecarga que aumenta a tensão entre o passado e o futuro, entre memória e sonho.

Essa tensão encontra alívio na terapia proposta por Jesus e por outras pessoas que nos deixaram no Novo Testamento uma direção a seguir. No caso dos idosos, em virtude dos limites que às vezes lhes são impostos, necessitam encontrar forças na fé em Jesus e no seu reino, que apontam para duas direções fundamentais. A primeira é a esperança, pois ela tem dois frutos básicos: paciência e alegria (Rm 8,25 e Rm 12,12). A esperança é a antecipação da concretização do sonho. Por meio dela a vida movimenta-se para o futuro. Para muitos idosos a vivência da piedade cristã, participando dos meios de graça que as comunidades cristãs ministram a eles, se constitui em força que alimenta a esperança e diminui a tensão com a dor que traz sofrimento a seus corpos. No sacramento da Ceia do Senhor eles anunciam um corpo que vence os limites da morte. O encontro da comunidade messiânica anunciando o reino que vem, certamente, traz para o hoje real das pessoas o futuro decretado pela intervenção de Deus, no Jesus de Nazaré, na história humana.

Por outro lado, nessa etapa da vida, a certeza de ser amado renova as forças do idoso, pois as suas forças frágeis encontram suporte na força operante da solidariedade. Jesus convidou as pessoas a uma reflexão sobre o amor de Deus por elas (Mt

6,25-34) e sobre o convite a possibilidade de deixar que ele carregue os seus fardos, por vezes pesados (Mt 11,28). Na comunidade messiânica o amor é a principal terapia. E isso pode ser um suprimento disponível aos idosos em todos os lugares onde as pessoas se encontram para vivenciar, em seu tempo, os “primeiros frutos” dos tempos messiânicos.

A esperança e o amor fazem bem para osteoporose, pressão alta, diabetes, problemas cardíacos, catarata e muitos outros males que corrompem a integridade saudável do ser humano. E cabe a essa comunidade terapêutica alternativa cuidar para que esses produtos sempre estejam disponíveis para todos. A ética neotestamentária alerta para que na comunidade messiânica haja uma co-responsabilidade solidária (Rm 12,15), de modo que essa comunidade seja “suportiva”, no sentido de que juntas, as pessoas que vivem diferentes etapas da vida sejam suporte uns dos outros.

Sydney Farias da Silva
Aluno do Instituto de Pós-Graduação da EST
sydney@portoweb.com.br